



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 7, número 1, jan.-abr. 2018

POESIA AFRICANA EM LÍNGUA PORTUGUESA: O COLONIALISMO NO CONTINENTE AFRICANO E NA TEORIA LITERÁRIA



AFRICAN POETRY IN PORTUGUESE LANGUAGE: COLONIALISM IN THE AFRICAN CONTINENT AND LITERARY THEORY

José Veranildo Lopes da COSTA JUNIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO
NORTE, Brasil

Sebastião Marques CARDOSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO
NORTE, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 15/11/2017 • APROVADO EM 05/04/2018

Resumo

168

Este artigo apresenta uma análise de três poemas angolanos: Poema da manhã, de Ernesto Lara Filho; Portugal colonial, de David Mestre; e Vem, amor, de Domingos Florentino, todos respectivamente publicados na antologia *Poesia africana de língua portuguesa*, no ano de 2003. Nossa discussão problematiza alguns desdobramentos na configuração do continente africano e na teoria literária, quando consideramos a formação de um binarismo operante entre países do Norte e do Sul (SANTOS; MENESES, 2009). Desta forma, nossas reflexões apontam para a necessária desconstrução do colonialismo em África e na teoria literária, de modo que a própria teoria literária – e as demais epistemologias – produzidas no Sul do mundo sejam lidas em equidade em relação aos conhecimentos produzidos no eixo Norte.

Abstract

This article presents an analysis of three angolan poems: Poema da manhã, by Ernesto Lara Filho; Portugal colonial, by David Mestre; and Vem, amor, by Domingos Florentino, all published respectively in the anthology *Poesia africana de língua portuguesa* (2003). Our discussion problematizes some developments in the configuration of the african continent and in literary theory, when we consider the formation of a functioning binarism between countries of the North and the South (SANTOS; MENESES, 2009). Thus, our reflections points to the necessary deconstruction of colonialism in Africa and in literary theory, so that the literary theory itself - and the other epistemologies – produced in the South of the world be read in fairness to the knowledge produced on the North axis.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: África. Colonialismo. Poesia. Teoria Literária.

KEYWORDS: Africa. Colonialism. Poetry. Literary Theory.

Texto integral

PONTO DE PARTIDA

DITADOR!

Sobre a tua cabeça

Disparo

A lei desfeita

Em pedaços

E dos pedaços

Desses pedaços

Sai a sorte

Que te destino!

(David Hopffer C. Almada)

Organizado por Livia Apa, Arlindo Barbeitos e Maria Alexandre Dáskalos, *Poesia africana de língua portuguesa* é uma antologia que reúne uma série de poemas de escritores/as africanos/as, oriundos/as dos países de língua portuguesa: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Nesta obra, encontramos, à página 169, o poema *Ditador*, de autoria de David Hopffer C. Almada, de Cabo Verde, em que percebemos a figura marcante do ditador, entendido como o colonizador em África. E, assim, ao deter o nosso olhar para as culturas africanas, é urgente recordar que este continente, desde sua colonização, é injustiçado por uma cultura colonialista, representada pelo *poderio* do homem branco e europeu.

Considerando, pois, uma dicotomia operante entre colonizador e colonizado em África, buscamos, em nosso artigo, analisar as representações do colonialismo na poesia de três escritores angolanos, a saber: *Poema da manhã*, de Ernesto Lara Filho; *Portugal colonial*, de David Mestre; e *Vem, amor*, de Domingos Florentino, todos publicados no ano de 2003, na antologia mencionada anteriormente.

A nossa discussão teórica parte da seguinte problematização de pesquisa: entendendo que o colonialismo resultou em desdobramentos importantes na configuração da história do continente africano, buscamos compreender de que modo a teoria literária também se configura a partir de um binarismo operante entre os países do Norte e do Sul, representando, desta forma, uma espécie de colonialismo entre os países colonizadores e os países colonizados e, por conseguinte, da teoria literária produzida nos países do Norte em oposição às epistemologias produzidas nos países do Sul (SANTOS; MENESES, 2009). Em consonância com esta discussão, analisaremos as representações do discurso colonialista e as oposições entre Norte e Sul, adotando como *corpus* de análise a Poesia Pós-colonial.

DISCUSSÃO

Quando ponderamos as discussões sobre o continente africano, não podemos deixar de levar em conta o fato de que este território foi, desde o início do seu processo de colonização, oprimido por uma cultura europeia, branca e dominante. Destarte, não se pode deixar de recordar que a Europa – majoritariamente representada por Portugal, Espanha, Inglaterra e Alemanha, dentre outras grandes potências – promoveram um extenso processo de colonização aos países do Sul.

Em *Discurso sobre o colonialismo*, Césaire (1978, p. 13) afirma que “a Europa é indefensável”, pelo fato de que os países europeus promoveram um sanguinário processo de colonização aos países do Sul. O ensaísta africano, ao discorrer sobre o que podemos entender por colonização, afirma que:

O que é, no seu princípio, a colonização? Concordemos no que ela não é: nem evangelização, nem empresa filantrópica, nem vontade de recuar as fronteiras da ignorância, da doença, da tirania, nem propagação de Deus, nem extensão do Direito; admitamos, uma vez por todas, sem vontade de fugir às consequências, que o gesto decisivo, aqui, é o do aventureiro e do pirata, do comerciante e do armador, do pesquisador de ouro e do mercador, do apetite e da força, tendo por detrás a sombra projectada, maléfica, de uma forma de civilização que a dado momento da sua história se vê obrigada, internamente, a alargar à escala mundial e a concorrência de suas economias antagônicas. (CÉSAIRE, 1978, p. 15).

Aimé Césaire está sustentando a ideia de que o colonialismo não é um processo de boa intenção, no qual os europeus se destinaram às terras africanas para curar ou para propagar a fé cristã ao povo africano. O processo de colonização, para Césaire (1978), não é uma empresa filantrópica e não se faz por boa fé, mas é resultado da ambição dos países do Norte em enriquecerem a partir da dominação territorial e da demarcação de terras, através de complexos processos de colonização. Para o autor, “ninguém coloniza inocentemente, nem ninguém coloniza impunemente: que uma nação que coloniza, que uma civilização que justifica a colonização – portanto, a força – é já uma civilização doente” (CÉSAIRE, 1978, p. 21).

As marcas da colonização europeia em África encontram-se ao longo de toda a história deste continente, tendo sido materializadas em diversas manifestações artísticas. Na poesia, particularmente, as representações do colonialismo ganham um espaço singular que contam a história de um povo duramente massacrado pela cultura dominadora branca. De autoria de David Mestre, *Portugal colonial* nos ajuda a ilustrar o duro processo de colonização vivido no continente africano:

PORTUGAL COLONIAL

Nada te devo
nem o sítio
onde nasci

nem a morte
que depois comi
nem a vida

repartida
p'los cães
nem a notícia

curta
a dizer-te
que morri

nada te devo
Portugal
colonial

cicatriz
doutra pele
apertada.

(APA; BARBEITOS; DÁSKALOS, 2003, p. 103).

David Mestre é o pseudônimo de Luís Filipe Guimarães da Mota Veiga, nascido em Loures – Portugal, em 1948. Além da escrita poética, Mestre dedicou-se ao jornalismo e à crítica literária. Antes de completar um ano de idade, o poeta que nasceu em Portugal mudou-se com sua família para Angola, onde obteve, posteriormente, a sua nacionalidade. Chegou a ocupar o cargo de assessor de José Eduardo dos Santos, o então presidente deste país, além de ter trabalhado no *Jornal de Angola* e ter fundado o grupo *Poesias Hoje*.

Em *Portugal colonial*, percebe-se uma espécie de rechaço ao colonialismo português aos países da África, notadamente em Angola. O eu lírico deste poema parece concordar com a ideia de Césaire (1978) de que a colonização não é uma empresa filantrópica e, por esta razão, os africanos nada devem ao Portugal colonial, nem a vida, nem a morte. Todavia, em *Cultura e imperialismo*, Said (2007, p. 02) afirma que “em quase todos os lugares do mundo não europeu a chegada do homem branco gerou algum tipo de resistência”, fato este que pode ser entendido pela dominação europeia aos países colonizados a partir de práticas violentas de dominação territorial e cultural. Deste modo, ao tratar do colonialismo em África é pertinente problematizar acerca do que entendemos e concebemos como cultura. Assim, Edward W. Said distingue o termo em duas acepções iniciais. Em suas palavras:

Quando emprego o termo ele significa duas coisas em particular. Primeiro, “cultura” designa todas aquelas práticas, como as artes de descrição, comunicação e representação, que têm relativa autonomia perante os campos econômico, social e político, e que amiúde existem sob formas estéticas, sendo o prazer um de seus principais objetivos [...] Em segundo lugar, e quase imperceptivelmente, a cultura é um conceito que inclui um elemento de elevação e refinamento, o reservatório do melhor de cada sociedade, no saber e no pensamento, como disse Matthew Arnold na década de 1860. (SAID, 2007, p. 02).

Desse modo, ao levar em conta a discussão sobre colonização, interpretamos que os europeus não se limitaram à demarcação de terras aos países do Sul – e este processo de colonização territorial representou o poder dos países do Norte – mas, além disto, a colonização europeia no continente africano

também significou uma violência à cultura destes povos. Portanto, a colonização europeia em África também simbolizou uma colonização cultural.

Ao nos depararmos com as definições de cultura postas por Said (2007), percebemos a existência de uma espécie de contradição. Se, por um lado, o autor defende que cultura exprime todas as práticas de comunicação, descrição e representação, por outro lado, o autor faz uso de uma aceção da década de 1860, de Matthew Arnold, quem entendia cultura como um elemento de elevação e refinamento, ressaltando, através do discurso científico, o carácter burguês e elitista de sua concepção de cultura.

Para Said (2007, p. 04), “o principal objeto de disputa no imperialismo é, evidentemente, a terra”, mas dependendo de quem possuía estas terras, o autor afirma que outro grande objeto de disputa no imperialismo é o poder de criar narrativas. É inegável o desejo europeu de impedir que se formem outras narrativas sobre o processo de colonização e, por isto, este processo de dominação em África não se restringiu à colonização territorial, mas abarcou uma violenta colonização ética e cultural. Em 2009, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em um discurso popularizado em vídeo nas redes sociais, discorreu sobre *O perigo de uma única história*. Ela ilustra a ameaça que sofremos quando conhecemos uma única história, ou seja, uma única versão para os fatos narrados. A autora recorda que começou a ler muito cedo e a escrever aos sete anos de idade. Com o tempo, percebeu que todos os personagens dos livros lidos por ela eram brancos de olhos azuis, eles brincavam na neve e comiam maçãs, enquanto que Chimamanda nunca havia estado fora da Nigéria, onde não havia neve e se comia mangas e não maçãs. Em suas palavras:

A meu ver, o que isso demonstra é como nós somos impressionáveis e vulneráveis face a uma história, principalmente quando somos crianças. Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Bem, as coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de encontrar quanto os livros estrangeiros, mas devido a escritores como Chinua Achebe e Camara Laye eu passei por uma mudança mental em minha percepção da literatura. Eu percebi que pessoas como eu, meninas com a pele da cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos-de-cavalo, também podiam existir na literatura. (ADICHIE, 2017, transcrição nossa).

Ao tratar das narrativas silenciadas durante o imperialismo ocidental, Said (2007, p. 15) argumenta que, para os ocidentais “a fonte da ação e da vida significativa do mundo se encontra no Ocidente, cujos representantes parecem estar à vontade para impor suas fantasias e filantropias num Terceiro Mundo

retardado mental”. Por isto, é relevante destacar a imposição cultural que a África sofreu durante o seu processo de colonização.

Além disso, é importante também mencionar que a África continua sofrendo ininterruptas tentativas de colonização a partir da construção de histórias sobre este continente, principalmente quando consideramos a mídia como representante de uma sociedade capitalista que constrói narrativas para vender estereótipos e imagens comumente aceitas como verdades absolutas. Nas palavras de Chimamanda:

Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias podem reparar essa dignidade perdida. (ADICHIE, 2017, transcrição nossa).

Assim, encontramos a construção de narrativas no plano da poesia africana pós-colonial. Ernesto Lara Filho nasceu em Benguela, uma província localizada ao Oeste de Angola, em 1932. Além de poeta, dedicou-se ao jornalismo e à carreira universitária de regente agrícola. Abaixo, apresentamos integralmente o *Poema da manhã*, de autoria do referido angolano:

POEMA DA MANHÃ

Os nossos filhos
Negra
hão-de trazer as ambições estampadas
nos olhos claros

Os nossos filhos
Negra
hão-de trazer a vida à flor da pele escura.

Os nossos filhos
Negra
hão-de gargalhar o seu desprezo pelas Universidades da
[Europa
e hão-de rir-se dos que ficarem atrás nas classificações.

Os nossos filhos
Negra
hão-de ser belos
hão de trazer nas veias o sangue mais puro e o mais vermelho
das raças de Angola
e os seus peitos
hão-de chegar primeiro nas competições desportivas
da América, da Europa e do Mundo

Isto posto, é necessário discorrer sobre a dicotomia operante entre Ocidente e Oriente; e entre Norte e Sul para refletir sobre o colonialismo não apenas no território africano, mas também no plano da teoria literária. Esta discussão encontra-se em distintos autores, entre eles Boaventura de Sousa Santos e Homi K. Bhabha. Em *Epistemologias do Sul*, nos deparamos com o seguinte questionamento: “Por que razão, nos últimos dois séculos, dominou uma epistemologia que eliminou da reflexão epistemológica o contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento?” (SANTOS; MENESES, 2009, p. 05). A resposta a esta problematização representa a disputa das narrativas construídas em torno do que a sociedade ocidental validará enquanto saber e epistemologias². Neste sentido, os autores exemplificam a sua concepção para o termo epistemologia:

Primeiro, a epistemologia dominante é, de facto, uma epistemologia contextual que assenta numa dupla diferença: a diferença cultural do mundo moderno cristão ocidental e a diferença política do colonialismo e do capitalismo. A transformação deste hiper-contexto na reivindicação de uma pretensão de universalidade, que se veio a plasmar na ciência moderna, é o resultado de uma intervenção epistemológica que só foi possível com base na força com que a intervenção política, económica e militar do colonialismo e do capitalismo modernos se impuseram aos povos e culturas não-ocidentais e não-cristãos. (SANTOS; MENESES, 2009, p. 08).

Boaventura de Sousa Santos mostra que no mundo moderno, assentou-se numa epistemologia dominante que se caracterizava pela diferença cultural e política do colonialismo e do capitalismo. Neste viés, é importante mencionar que o sistema capitalista é um dos responsáveis pela colonização em África e pela construção de uma única narrativa que favorece os países do Norte em detrimento das narrativas silenciadas nos países do Sul. Este autor continua sua reflexão no plano de uma segunda ideia: “que esta dupla intervenção foi de tal maneira profunda que descredibilizou e, sempre que necessário, suprimiu todas as práticas sociais de conhecimento que contrariassem os interesses que ela servia” (SANTOS; MENESES, 2009, p. 08) e, neste horizonte de pensamento, o autor intitula este processo de colonização epistemológica com o termo *epistemicídio* (SANTOS; MENESES, 2009), o qual pode ser brevemente entendido como a exclusão de conhecimentos e narrativas que contrariam os interesses dominantes dos países do Norte. Pensando, todavia, nas epistemologias do mundo moderno, o autor explica o termo epistemologias do Sul com as seguintes palavras:

Designamos a diversidade epistemológica do mundo por epistemologias do Sul. O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistémicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. Esta concepção do Sul

sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu e que, com exceção da Austrália e da Nova Zelândia, não atingiram níveis de desenvolvimento econômico semelhantes ao do Norte global (Europa e América do Norte). (SANTOS; MENESES, 2009, p. 12).

Buscando questionar a dominação epistemológica construída nos últimos dois séculos pelos países do eixo Norte, Santos e Meneses (2009) apresentam a noção de *Ecologia dos saberes*, que pode ser compreendida como um conjunto de epistemologias que concebem o conhecimento como diverso e não hegemônico e não dominante. Para os autores:

A ecologia dos saberes assenta na ideia pragmática de que é necessária uma reavaliação das intervenções e relações concretas na sociedade e na natureza que os diferentes conhecimentos proporcionam. Centra-se, pois, nas relações entre saberes, nas hierarquias que se geram entre eles, uma vez que nenhuma prática concreta seria possível sem estas hierarquias. Contudo, em lugar de subscrever uma hierarquia única, universal e abstracta entre os saberes, a ecologia dos saberes favorece hierarquias dependentes do contexto, à luz dos resultados concretos pretendidos ou atingidos pelas diferentes formas de saber. (SANTOS; MENESES, 2009, p. 51).

Mesmo considerando a coexistência de uma *Ecologia dos saberes* (SANTOS; MENESES, 2009), em *O local da cultura*, Homi K. Bhabha estabelece algumas reflexões sobre o compromisso com a teoria. Para este autor, “existe uma pressuposição prejudicial e autodestrutiva de que a teoria é necessariamente a linguagem de elite dos que são privilegiados social e culturalmente” (BHABHA, 2014, p. 47). Ao refletir sobre a teoria enquanto linguagem representativa das elites, Bhabha está corroborando justamente com uma democratização da teoria, em que a dicotomia operante entre colonizado e colonizador é questionada. O autor se pergunta: “Pode a meta da liberdade de conhecimento ser a simples inversão da relação opressor e oprimido, centro e periferia, imagem negativa e imagem positiva?” (BHABHA, 2014, p. 14). Para Bhabha, o dualismo operante entre Norte e Sul é um traço negativo da forma pela qual o conhecimento foi historicamente legitimado. Sobre a dominação, o autor esclarece: “Estou ainda convencido de que essa dominação econômica e política tem uma profunda influência hegemônica sobre as ordens de informação do mundo ocidental, sua mídia popular e suas instituições e acadêmicos especializados”. (BHABHA, 2014, p. 49). Entretanto, o filósofo segue questionando a teoria ocidental:

O que exige maior discussão é se as “novas” linguagens da crítica teórica (semiótica, pós-estruturalista, desconstrucionista e as demais) simplesmente refletem aquelas divisões geopolíticas e

suas esferas de influência. Serão os interesses da teoria “ocidental” necessariamente coniventes com o papel hegemônico do Ocidente como bloco de poder? Não passará a linguagem da teoria de mais estratagema da elite ocidental culturalmente privilegiada para produzir um discurso do Outro que reforça sua própria equação conhecimento-poder? (BHABHA, 2014, p. 49).

Ao tratar das “novas” linguagens, a discussão proposta em nosso artigo chega ao seu ponto chave. Para Bhabha (2014), é pertinente discorrer sobre como a teoria é conivente com a manutenção de uma hierarquia dominadora construída em torno do binarismo operante entre Norte e Sul. Neste sentido, gostaríamos de refletir sobre os processos de colonização da teoria literária, quando, sobretudo, pensamos na formação de um cânone (literário e teórico) no âmbito dos estudos literários.

Parece-nos que as universidades brasileiras, em alguma medida, ajudam a fortalecer uma hierarquia dominadora, ao passo que nos currículos dos cursos de Letras, por exemplo, é invisível a presença de disciplinas que focalizem as epistemologias e a teoria literária produzida em torno dos países colonizados e subalternos, dito de outra forma, percebemos que o Brasil privilegia a formação de um cânone literário/teórico e isto, de uma forma ou de outra, fortalece o discurso colonial.³

Igualmente, acreditamos ser necessário considerar a constituição de uma “teoria crítica”, entendida por Bhabha (2014, p. 48), como “o Outro, uma alteridade que é insistentemente identificada com as divagações do crítico eurocêntrico despolitizado”. Levando em conta uma teoria crítica, Bhabha afirma:

Quero me situar nas margens deslizantes do deslocamento cultural – isto torna confuso qualquer sentido profundo ou “autêntico” ou de intelectual “orgânico” – e perguntar qual poderia ser a função de uma perspectiva teórica comprometida, uma vez que o hibridismo cultural e histórico do mundo pós-colonial é tomado como lugar paradigmático de partida. (BHABHA, 2014, p. 50).

É no deslocamento deslizante das fronteiras culturais que a teoria crítica e os conhecimentos produzidos nos países do Sul mostram-se importantes para um processo de descolonização na teoria literária. É viável, neste sentido, considerar o Outro enquanto instância *sine qua non* para o desenvolvimento das epistemologias e das teorias constituídas nos países do Sul. Para finalizar nossa discussão, recorreremos ao poema *Vem, amor*, do escritor angolano Domingos Florentino:

DEM, AMOR

dem, amor
dem
vamos sentir o frio dos meninos
que ficaram sem ninguém

dem, amor
dem
sob o traço prateado da noite de luar
ouvir o eco da morte e da vida
e ecoar
nossa grandeza.

(APA; BARBEITOS; DÁSKALOS, 2003, p. 118).

Domingos Florentino nasceu na província de Huambo, em 1953. Dentre suas ocupações, dedicou-se ao cargo de Primeiro Ministro e de Presidente da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. O poema *Vem, amor* é um convite para *sentir o frio dos meninos que ficaram sem ninguém*, o que podemos entender como um convite para conhecer a realidade do Outro para, então, *ouvir o eco da morte e da vida* daqueles que viveram em África. Portanto, frisamos a necessidade de uma descolonização nos processos históricos que acometeram o continente africano, mas buscamos, também, uma descolonização na teoria literária, de modo que a promoção de uma equidade no plano dos estudos literários seja efetivada, com o objetivo de mostrar que os conhecimentos, as epistemologias e a literatura produzida no eixo Sul são tão pertinentes quanto às epistemologias e as práticas culturais oriundas no eixo Norte – ambas, obviamente, de igual importância para o desenvolvimento da subjetividade humana.

ALGUMAS PALAVRAS FINAIS

Em nosso artigo, buscamos apresentar e analisar a poesia de três angolanos: Ernesto Lara Filho, David Mestre e Domingos Florentino, com o objetivo de discutir, ainda que de modo inicial, alguns temas que giram em torno do colonialismo no continente africano e na teoria literária. Assim frisamos, em nossa discussão, que nenhum país coloniza, utilizando os termos de Said (2007), de modo filantrópico. Os processos de colonização em África representam o *poderio*, a dominação e a ganância territorial-financeira e cultural dos países do eixo Norte para com os países do eixo Sul. Por outro lado, acreditamos no potencial da constituição de uma teoria crítica (BHABHA, 2014) que favoreça o reconhecimento do Outro enquanto instância singular para o desenvolvimento de epistemologias em todo o mundo.

Por assim dizer, mostramos que os conhecimentos no mundo contemporâneo devem ser entendidos a partir da noção de *ecologia dos saberes* (SANTOS; MENESES, 2009), acentuando a diversidade epistemológica dos

conhecimentos no mundo atual. Ao ponderar sobre um processo de descolonização no âmbito da teoria que ancora os estudos literários, buscamos, em nosso artigo, ilustrar que a literatura e os conhecimentos produzidos nos países do Sul são tão relevantes quanto aqueles produzidos nos países do eixo Norte.

É necessário perceber que o mundo é construído por narrativas diversas, e que quando conhecemos uma única história corremos o risco de criarmos estereótipos sobre a cultura do Outro, além de nos privarmos nos limites do nosso próprio mundo. Por fim, nos apropriamos das palavras de Adichie (2017, transcrição nossa): “Eu gostaria de finalizar com esse pensamento: Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso”.

Notas

¹ Em 2016, por exemplo, a Big Apple apresentou um estudo que mostra que um em cada cinco nova-iorquinos depende da ajuda de ONGs para se alimentar cotidianamente. Mas este dado é silenciado, afinal de contas Nova Iorque faz parte do pacote vendido por empresas de todo o mundo que alimentam o tão almejado *american dream*. (REVISTA EXAME, 2017, não paginado).

² Optamos por utilizar o termo epistemologias no plural para marcar a diversidade de saberes que se constituem no mundo.

³ É bastante recente nas universidades brasileiras o estudo das Literaturas Africanas e são raras as instituições que fornecem, por exemplo, cursos de Filosofia (Pensamento) Africana (o) em suas grades curriculares.

Referências

ADICHIE, C. N. *O perigo de uma única história* – Discurso. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8>>. Acesso em: 1º nov. 2017. (Arquivo de vídeo).

APA, L.; BARBEITOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (Org.). *Poesia africana de língua portuguesa (antologia)*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

CÉSAIRE, A. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

REVISTA EXAME. *De cada cinco nova-iorquinos, um depende de ajuda para comer*. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/de-cada-cinco-nova-iorquinos-um-depende-de-ajuda-para-comer/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

SAID, E. W. *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo, Cortez, 2009.

Para citar este artigo

COSTA JUNIOR, José Veranildo Lopes da; CARDOSO, Sebastião Marques. Poesia africana em língua portuguesa: o colonialismo no continente africano e na teoria literária. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 7, n. 1, p. 167-180, jan.-abr. 2018.

Os autores

José Veranildo Lopes da Costa Junior é doutorando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), especialista em Ciências da Linguagem com ênfase em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e licenciado em Letras/Espanhol pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Sebastião Marques Cardoso é docente permanente do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2007). Realizou estudos de Pós-doutorado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2014).